leitura, expressão oral e produção de textos em situações práticas de comunicação onde elas sejam necessárias

A ajuda dada pelo professor consiste em propor estratégias das quais as crianças irão se apropriando progressivamente e que lhes serão úteis para abordar novos textos que apresentem certo grau de dificuldade.

Com esse estudo foram alcançados os objetivos estipulados no que concerne à reflexão, alfabetização dentro de uma proposta sociointeracionista. As pesquisas foram devidamente consultadas dando total respaldo as informações constantes neste trabalho. No entanto, essa pesquisa sinaliza para a necessidade de mais estudos voltados para esse tema que aborda uma proposta importante dentro da alfabetização, que é pouco utilizada em nossas escolas, vislumbrando assim um novo campo de pesquisa.

REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emilia. 1986 – Reflexões sobre alfabetização. São Paulo, Cortez.

KLEIMAN, Ângela B. (org). Os significados do letramento. Uma perspectiva sobre a prática

MICOTTI, M. C. O. 1987 – Piaget e o processo de alfabetização. São Paulo, Proneira cial da escrita. Campinas (SP): Mercado de letras, 1995.

FREIRE, P. Conscientização: Teoria e Prática da Libertação. 3°Ed. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. Educação Como Prática de Liberdade. 15° Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. Pedagogia do Oprimido. 18° Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

ASPOLINI, Ana T. 1995 – Tijolo; leitura e produção escrita. São Paulo, FTD.

.RIBEIRO, Lourdes Eustáquio Pinto 1999 – Proposta didática de alfabetização.

REGO, Teresa Cristina. Vygotky – uma perspectiva histórica – cultural da educação. PETRÓPOLIS, Rio de Janeiro – cultural da educação.

EDUCAÇÃO EM FOCO: A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO SOBRE AS PRÁTICAS

RAFAEL SILVA MATIAS

RESUMO:

A educação pode ser entendida como uma prática social humanizadora que possui a finalidade de transmitir a cultura construída pela humanidade. O homem não nasce humanizado, mas, se pressupõe que se torna humano por seu pertencimento ao mundo histórico-social e pela incorporação do mundo em si. Pensando na Educação em Foco e sobre as diferentes metodologias pedagógicas, o planejamento vêm sendo alvo de discussão não só no âmbito educacional, mas, também das Políticas Públicas, servindo de debate até em relação à qualidade da educação. Ao que se refere as práticas pedagógicas, o planejamento é um referencial em que o docente pode estabelecer onde se quer chegar e quais são as maneiras mais adequadas para tal, visando o presente e o futuro, de modo que a educação atenda ao mesmo tempo o aprendizado dos educandos e as necessidades da sociedade. Sendo assim, o presente artigo teve como objetivo geral discutir sobre a Educação em Foco; e como objetivos específicos o planejamento e as práticas pedagógicas como um norte no processo de ensino e a aprendizagem dos educandos, baseado em pesquisa bibliográfica a respeito do tema. Os resultados demonstraram que a fundamentação do planejamento é de suma importância para garantir uma boa aprendizagem aos educandos. Além disso, é essencial para diminuir distâncias, dificuldades e determinadas resistências entre estes e o cotidiano do trabalho docente.

Palavras-chave: Educação em Foco. Práticas Pedagógicas. Planejamento. História da Educação.

INTRODUÇÃO

A educação pode ser entendida como uma prática social humanizadora e intencional, cuja finalidade é transmitir a cultura construída pela humanidade. O homem não nasce humanizado, mas pressupõe-se que se torna humano por seu pertencimento ao mundo histórico-social e pela incorporação desse mundo em si mesmo.

Quanto a Educação em Foco, o docente sabe que cada aula deve ser bem planejada, deixando claro aos educandos os objetivos alcançados e as formas de avaliação. O

planejamento e as práticas pedagógicas vêm sendo discutidos não só na área educacional, mas, também tem servido de motivo de grandes preocupações inclusive nas Políticas Públicas, principalmente em relação à qualidade da Educação.

O planejamento é uma atividade contínua e uma dinâmica que precisa de reflexão e tomada de decisão. Já o conteúdo é o produto dessa reflexão, vindo a ser evidenciado na forma ou não de registro. Para o autor, o planejamento deve ser permanente, enquanto que o plano pode ser alterado, pois, é provisório.

O planejamento é de extrema relevância uma vez que estimula o docente, fazendo-o ser mais focado nas aprendizagens e nas competências demonstrando a relação que existe entre a atividade proposta e a avaliação final vendo se o educando realmente aprendeu a partir de atividades diversificadas.

Desta forma, o planejamento é o processo pelo qual o professor define qual o caminho irá percorrer para atingir seus objetivos, apoiando-se no presente pensando no futuro, de modo que a educação atenda tanto as necessidades do desenvolvimento da sociedade, quanto as do discente, sendo que isto muitas vezes não acontece, trazendo sérios problemas no processo educacional.

Por isso, é preciso pensar na prática docente do ponto de vista pedagógico e do planejamento para que durante o processo de ensino e aprendizagem sejam respeitados os direitos de aprendizagem.

Assim, o presente artigo teve por objetivo geral discutir sobre a Educação em Foco; e como objetivos específicos, discutir sobre o planejamento e as práticas pedagógicas no processo de ensino e a aprendizagem dos educandos.

DESENVOLVIMENTO

2.1. Cenário atual da educação

Para compreender como é o cenário atual da Educação é preciso retornar brevemente ao passado para acompanhar as mudanças ocorridas ao longo do tempo. Segundo os historiadores e estudiosos, a História da Educação sofreu transformações econômicas, sociais e políticas de acordo com a época e a civilização em que se encontrava. Tais transformações influenciaram também o cenário educacional brasileiro.

No século XVII, Comenius, bispo protestante da Igreja Morávia, reconhecido como o fundador da didática moderna desenvolveu metodologias diferenciadas sobre a Educação, baseando-se em experiências sensoriais. Rosseau, um dos principais filósofos do Iluminismo, desenvolveu suas teorias baseadas no interesse das culturas infantis e no mundo que as cerca (ARANHA, 2006).

Naquela época, esse tipo de concepção era vinculado a uma metodologia tradicional, onde o docente era o único detentor do conhecimento, o que com o passar do tempo e o desenvolvimento da Educação já não se mostrava mais eficaz para atender as necessidades da sociedade.

Ao longo do desenvolvimento da mesma foram criadas novas teorias e novas formas de aprendizagem fazendo-se necessárias e contribuindo para o surgimento de novos sistemas de ensino:

O iluminismo educacional representou o fundamento da pedagogia burguesa, que até hoje insiste, predominantemente na transmissão de conteúdos e na formação social individualista. A burguesia percebeu a necessidade de oferecer instrução mínima, para a massa trabalhadora. Por isso, a educação se dirigiu para a formação do cidadão disciplinado. O surgimento dos sistemas nacionais de educação, no século XIX, é o resultado e a expressão que a burguesia, como classe ascendente, emprestou a educação (GADOTTI, 1995, p.90).

Porém, séculos depois, encontramos um mundo em constante transformação e o advento de novos valores, em disputa com a tradição, influenciaram de forma marcante tanto os modelos de educação, quanto as reflexões pedagógicas. Entre os séculos XVI e XVII, ocorreu o Renascimento e a Reforma Religiosa. Nesse período houve o crescimento do número de colégios por conta do interesse das pessoas pela educação.

Para Pestalozzi (1746-1827), o processo de ensino tinha como função principal ensinar e fazer com que as crianças desenvolvessem suas próprias habilidades naturais. Uma escola ideal seria não só uma extensão da casa da criança, mas, também deveria espelhar o âmbito familiar, oferecendo uma atmosfera segura e afetuosa com muito mais segurança.

De acordo com Aranha (2006), o surgimento dos colégios, do século XVI ao XVIII, foi um fenômeno que acompanhou a nova visão de infância. Na Idade Média as crianças viviam misturadas e faziam praticamente as mesmas coisas que os adultos (ou seja, eram tratados como adultos pequenos). A partir do Renascimento, o cuidado em separá-los e organizá-los por graus de aprendizagem passou a ser compromisso da sociedade.

Nesta concepção, a criança se desenvolve de dentro para fora, diferentemente do que se entende no ensino tradicional. O docente deveria analisar cada estágio do desenvolvimento da criança, orientando-a durante esse processo. Ou seja, seguindo cada ciclo de evolução, necessidades e aptidões, ensinando-as a partir de uma metodologia ade-

quada (NASCIMENTO, 2003).

Herbart, foi o primeiro a entender a pedagogia como uma ciência, compreendo-a de forma organizada e sistemática a partir de objetivos claros e enfáticos. Sua teoria está baseada no funcionamento da mente, pois, além do caráter científico ele adotou a psicologia aplicada como eixo principal da Educação. Esse pensamento está presente até os dias de hoje, pois, já que a pedagogia encontra-se fortemente vinculada às teorias de aprendizagem e à psicologia do desenvolvimento, o que remete a Piaget (HILGENHEGER, 1993).

Com a Revolução Francesa, não só na Franca, mas, o mundo ocidental sofreu transformações profundas seja nos campos econômico, político, social, cultural e religioso. Deve-se destacar em especial a Educação no Brasil, já que a colonização e a relação de domínio de Portugal não favoreceram o desenvolvimento de um sistema de ensino público e popular.

Na época, a população era composta por aproximadamente 2/3 de escravos, de base econômica agrícola, rudimentar, em situação política de dominação onde a cultura e o ensino eram luxo dispensável. A elite por sua vez também não via o ensino como prioritário (ROMANELLI, 2010).

Outra questão que surgiu foram as contribuições de Herbart na Psicologia e na Pedagogia são observadas até hoje, mas, por se tratar de uma concepção do século XIX, se tornou ultrapassada, pelo movimento da escola ativa. Dewey (18591952), principal representante desse movimento fez inúmeras críticas às concepções de Herbart.

A partir da Escola Nova, as metodologias educacionais mudaram não trazendo mais sentido a Escola Tradicional. No caso do Brasil, na década de 1960 a maioria dos conteúdos já não faziam sentido para os educandos. Isso porque a maior parte dos conteúdos estava relacionado à produção de mão de obra para o mercado de trabalho decorrente da Revolução Industrial.

A Escola Nova foi criada para desenvolver a autonomia e a criticidade dos educandos, situação que não ocorria antes. Dentro desse movimento surgiu também a Pedagogia de Projetos. Vários são os representantes desse novo movimento como Montessori, Decroly, Claparède, Ferrière, entre outros (COLL, 1999).

Ou seja, o educando aprende a partir das experiências, pois, quando ele desenvolve o projeto está planejando suas ações, coletando informações, compreendendo suas causas e consequências e desenvolvendo a criticidade e a autonomia.

No âmbito das políticas educacionais e nas escolas, os docentes entram em conflito com duas situações: a Pedagogia Nova e a Pedagogia Tradicional. O autor defende uma educação histórico-crítica, voltada para os conteúdos que envolvam a transmissão de conhecimentos significativos que ajudem para a inclusão social desse discente (ARANHA, 2006).

Além disso, a Pedagogia Crítico-social, traz o desafio de proporcionar aos educandos o desenvolvimento de diferentes competências e habilidades. Assim, este tem a responsabilidade de assumir uma posição de agente ativo para a transformação social, levando-se em conta os interesses da sociedade, atribuindo o domínio dos conteúdos, além de desenvolver o raciocínio lógico e científico (LIBÂNEO, 1994).

Atualmente, as concepções de Educação são bastante variadas, sendo necessário que o docente escolha a metodologia que se encontra mais de acordo com a realidade da escola e da comunidade na qual está inserida.

2.2. Planejamento e Práticas Pedagógicas

O que é ensinar? Nas palavras de Celso Antunes "ensinar quer dizer ajudar e apoiar os alunos a confrontar uma informação significativa e relevante no âmbito da relação que estabelecem com uma dada realidade, capacitando-o para reconstruir os significados atribuídos a essa realidade" (2007, p. 30). Ainda demonstra que:

Recebemos instrução para realizar determinada tarefa e, dessa maneira, somente diante da mesma instrução se faz útil. O aluno aprende a viver melhor e para colher informações, confrontá-las com a realidade. Nesse contexto, não parece ser necessário escolas para passar instruções; basta bom manual e eventual ajuda em sua decodificação; mas a escola é imprescindível para o ensino, não porque o aluno coleta informações, mas porque as usa como ferramenta para pensar, refletir e para atribuir a essa informação uma realidade consciente (ANTUNES, 2007, p. 30)

Historicamente, "o professor era o centro do processo de ensino e o aluno apenas um receptor de saberes que, aula a aula, ia acumulando. Quem não acumulava o suficiente poderia ser corrigido com um castigo ou uma reprovação" (ANTUNES, 2007, p. 15).

Há trinta anos não havia o celular, os computadores não eram o que hoje são e uma simples viagem de São Paulo à Ubatuba não demorava menos que seis horas. Nesses trinta anos o mundo mudou, a medicina evoluiu, a tecnologia avançou, os transportes se aceleraram. Mas ainda existem aulas em que o professor é o centro do processo de aprendizagem (ANTUNES, 2007, p. 16).

Essa ideia do ensino tradicional, com aulas meramente expositivas, tem sido questionada ao longo dos anos, levando à debate

a forma com que o professor transmite seu conhecimento. O acesso à informação, a interatividade com o mundo e os diversos conteúdos disponíveis com apenas um clique, tornam as aulas, nos moldes tradicionais, desinteressantes e não muito atraentes; por mais que o professor tente se impor, obrigar, ou enrijecer o seu modus operandi, se permanecer irredutível ao seu método, ele notará a queda no rendimento, a apatia e a falta de atenção dos seus alunos.

O sucesso da aula, na atualidade, depende da interação entre todos e da capacidade do professor assumir o papel de mediador do conhecimento e das relações sociais. Logo, o professor não mais assume o papel central do processo de ensino, mas torna-se o professor gestor, que agrega o diálogo, que desperta a percepção crítica e aprimora a relação humana. O professor gestor alarga os horizontes de seus alunos e possibilita uma visão ampliada da realidade. Corrobora com a mesma ideia, a Secretaria de Direitos Humanos da cidade de São Paulo:

Entre professores e alunos, a autoridade é permeada pelo processo de construção de conhecimento, assimilado e transformado pelo aluno com a mediação do professor. Por isso, o respeito que recebe dos alunos e, consequentemente, sua autoridade dependem, em grande parte, de sua dedicação profissional, isto é, do quanto se dedica à formação dos alunos, incluindo aqui não apenas a criação de situações de aprendizagem, mas também suas atitudes no convívio (SÃO PAULO, 2019, pg. 16).

Ainda, a Secretaria salienta que "ter autoridade não é ser autoritário, não é mandar no outro, não é passar por cima dos direitos dos demais. A autoridade se baseia no reconhecimento e no respeito mútuo" (SÃO PAULO, 2019, p. 15 e 16). Esses preceitos não enfraquecem o papel do professor e não diminuem sua figura em sala de aula, pelo contrário, são fortes aliados para que o aluno entenda a importância da escola, do ensino e da própria participação na aprendizagem.

No passado, "ensinar significava difundir o conhecimento, impondo normas e convenções para que os alunos o assimilassem. (...) toda a aprendizagem dependia do ouvido, reforçado pela mão na tarefa de copiar" (ANTUNES, 2007, p. 17). A gestão da sala de aula implica, inclusive, na aplicação de regras e procedimentos coletivos, contudo, para que a ordem seja alcançada com respeito, a fim de favorecer as atividades de ensino-aprendizagem.

Segundo Mariana Aranha, "para interferir neste universo de complexidade, o papel do autoconhecimento é fundamental. À medida que o professor vai se descobrindo enquanto pessoal e profissional, mais seguro se instaura em sua prática, em seu agir" (2014, p. 41).

As práticas pedagógicas devem incentivar o aluno a adquirir estratégias de conhecimento que vão além do saber escolarizado. Para Fernando Hernandez, uma tarefa fundamental da escola – e, consequentemente do professor – é propor questões como:

Como se produziu esse fenômeno? Qual é a origem dessa prática? Sempre foi assim? Como se percebiam as pessoas de outras épocas e lugares? Consideravam-nos tal como nós? Como se explicavam essas mudanças? Por que se considera uma determinada visão como natural? (...) A partir dessa perspectiva, (...) se tenta enfrentar o duplo desafio de ensinar os alunos a compreender as interpretações sobre os fenômenos da realidade, a tratar de compreender os "lugares" desde os quais de constroem a assim "compreender a si mesmos" (HERNANDEZ, 1998, p. 28).

Ademais, salienta Celso Antunes, que existe uma enorme diferença entre o ensino de uma instrução e o ensino que se deseja em uma excelente escola. "A instrução, na maior parte das vezes, exclui a criatividade e as regras sugeridas necessitam de um cumprimento restrito, linear, preciso" (2007, p. 29).

É importante ressaltar que uma gestão democrática redefine o papel do educador; distâncias entre professor e aluno são diminuídas, a interação com o grupo possibilitará o crescimento de todos, o convívio será menos conflituoso pois criar-se-á uma atmosfera de respeito e confiança, o professor passará a ter maior controle das situações e o aluno entenderá que ele faz parte de todo o processo e de toda a jornada estudantil.

E, por fim, não podemos deixar de citar sobre a democracia e sobre sua importância na gestão da sala de aula:

A democracia é um conceito político que se baseia no conjunto de direitos que todos devem ter, o que inclui o compartilhamento do poder, os deveres e as responsabilidades de cada um de acordo com a sai fase na vida e suas funções sociais. (...) é também um "modo de vida" que se orienta pelo respeito mútuo, pelo diálogo e pela participação solidária em prol do bem comum, em todas as relações sociais cotidianas. (...) Entre professores e alunos, a autoridade é permeada pelo processo de construção de conhecimento, assimilado e transformado pelo aluno com a mediação do professor. (...) Por isso, a democracia na escola pede o reconhecimento de autoridade, não só de professores, coordenadores e diretores, mas também dos demais funcionários e dos familiares dos alunos, como educadores que são. (SÃO PAULO, 2019, p. 13 e 14).

2.3. Sobre a pedagogia de Projetos

Uma forma de se trabalhar é a partir da Pedagogia de Projetos. Saviani (2008), dis-

cute que que a mudança de foco partindo-se dos métodos e não mais dos conteúdos gerou certa despreocupação sobre o que se deveria ensinar, partindo para de que forma ser ensinado. Este fato acabou sendo um ponto negativo já que de certa forma descaracterizou os conteúdos, desfavorecendo principalmente o educando que frequenta a escola pública, que muitas vezes ele só tem acesso ao conhecimento através dela.

A Pedagogia de Projetos como prática pedagógica abriu inúmeras possibilidades promovendo uma mudança na maneira de pensar e repensar sobre a escola e o currículo, além da própria prática. Hoje, é possível observar uma pedagogia mais dinâmica em que são favorecidas as atividades lúdicas, buscando a construção do conhecimento pelos próprios educandos e o docente como mediador desse processo conferindo-lhes desenvolvimento e autonomia.

O trabalho em equipe também contempla outras questões como o sujeito cognitivo, pensador, curioso, questionador, carregando conhecimentos prévios consigo sobre diferentes assuntos, mostrando aos educandos conhecimentos do mundo globalizado de forma interdisciplinar e contemporânea.

Por isso, essa prática pedagógica garante uma educação de qualidade através de um currículo rico, dinâmico, flexível e aberto a novas ações educativas direcionadas às necessidades reais dos educandos (QUEIROZ e ROCHA, 2010).

Trazendo para a Educação Básica, o trabalho com projetos traz diferentes possibilidades de se trabalhar através de temas de interesse que surjam das necessidades cotidianas e que sejam interessantes em um contexto de questionamentos, aprendizagens e discussões significativas.

Outro aspecto a se levar em consideração é a interdisciplinaridade. Esta direciona uma aprendizagem reflexiva a fim de compreender a realidade, as mudanças sociais que vem ocorrendo, conscientizando e desenvolvendo uma ampla visão sobre a sociedade em que se vive. Na perspectiva dos projetos, a ideologia não é conduzida para formar os educandos para a vida em um futuro distante, mas, para viver e transformar o mundo que o cerca a partir dos conhecimentos adquiridos no momento presente (GONÇALVES, 2000).

Queiroz e Rocha (2010), discutem que a execução de um projeto deve passar por determinadas etapas como a preparação pedagógica e a seleção de atividades. Na sala de aula, as ações precisam ser organizadas de maneira coletiva e cooperativa, requerendo o envolvimento da realidade física do ambiente. O docente deve utilizar critérios na elaboração e na organização das diferentes atividades, estando atento ao tipo de atividade que se deve realizar com os discentes.

Trabalhar com projetos traz novas perspectivas a esse respeito. O ato de decorar hoje em dia já não possui mais significado. Todo conhecimento ou quase todo ele é construído baseado no contexto em que é utilizado, tornando-se impossível de separar os aspectos cognitivos do indivíduo, suas emoções e a sua socialização ao longo do processo.

O processo é complexo e por isso, o docente deve estar atento a outras questões como contemplar os conhecimentos prévios e a vivência dos educandos. Eles só irão se desenvolver de forma plena participando, sentindo, se envolvendo, solucionando problemas, interagindo, entre outras situações diante de determinados contextos.

Por isso, a Pedagogia de Projetos pode ser utilizada em todas as etapas do ensino, desde que utilizada de forma correta para que os objetivos propostos sejam atingidos:

Os projetos podem ser usados nos diferentes níveis de escolaridade, desde a educação infantil até o ensino médio. O que é importante considerar, a priori, é que cada um desses níveis possui especificidades e características peculiares que os vão distinguir em alguma medida: com relação ao grupo etário, a realidade circundante, às experiências anteriores, dos alunos e professores (BARBOSA e HORN, 2008, p.71).

Ainda, a utilização da realidade do educando envolvendo a especificidade teórica da sala de aula, torna possível um rico processo dialético de trabalho pedagógico.

É importante também a prática social e a relação entre docente e educando: “O ponto de partida do novo método não será a escola nem a sala de aula, mas a realidade social mais ampla. A leitura crítica dessa realidade torna possível apontar um novo pensar e agir pedagógicos” (GASPARIN, 2011, p. 3).

A avaliação do projeto deve ser feito ao longo do percurso de forma a permitir a análise dos resultados, a projeção de possíveis problemas, as devidas correções, as possíveis intervenções e adequações para se atingir os resultados esperados (TURRA, 2011).

Assim, cabe ao docente planejar diferentes atividades que favoreçam uma aprendizagem mais dinâmica sem deixar de lado o peso das competências e habilidades que precisam ser desenvolvidas junto aos educandos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação nos dias atuais possui como preocupação não só os conteúdos, mas, também as diferentes competências e habilidades que implicarão na forma como o docente deverá ensinar os saberes. Pen-

sando nas práticas educativas, sabe-se o quão importante é um bom planejamento e uma prática alinhada com as expectativas de aprendizagem voltadas para o trabalho com os educandos.

Se faz necessário rever a posição em relação a Educação em Foco, discutindo práticas que envolvam de fato a realidade dos educandos e do seu contexto social, buscando desenvolver e aprimorar novas estratégias sem simplificar o que o ensino representa para os mesmos.

Ao longo de toda a Educação Básica é muito importante o planejamento e a fundamentação por trás da prática pedagógica, mesmo havendo documentos oficiais orientadores. Assim, o educando precisa ser observado enquanto indivíduo que se encontra em construção da personalidade, a fim de conhecer o mundo e apresentar curiosidade para aprender.

É preciso também por parte dos docentes ter coragem e enfrentar as mudanças que os tempos atuais tem exigido, percebendo a importância de replanejar suas ações, compreendendo essa necessidade dentro do processo educativo. Assim, novas formas de ensinar surgem e ganham forma e quando colocadas em prática devem ter clareza e funcionar de forma crítica.

O docente deve se atentar ao planejamento e as ações pertinentes diminuindo distâncias, dificuldades e resistências com relação ao planejamento e o cotidiano do trabalho docente.

REFEÊNCIAS

ARANHA, M.L. de A. História da educação e da pedagogia: geral e Brasil. 3ª Ed. São Paulo: Moderna, 2006.

BARBOSA, M.C.S.; HORN, M.G. Projetos Pedagógicos na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2008.

COLL, S.C. (Org). Psicologia da Educação. Porto Alegre: Artmed, 1999.

DELORS, J. Educação um tesouro a descobrir. 5a ed. São Paulo: Cortez, 2001, 288 p.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974. 184 p.

GADOTTI, M. Histórias das ideias pedagógicas. São Paulo: Ática, 1995.

GASPARIN, J.L. Uma didática para a pedagogia histórico-crítica. 5 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

GONÇALVES, F.S. Um olhar sobre a interdisciplinaridade. Brasília: MEC, Seed, 2000, p.45-50.

HERNÁNDEZ, F.; VENTURA, M. Organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. 199 p.

HILGENHEGER, N. Johann Friedrich Herbart (1776-1841). Tradução de José Carlos

Libâneo. Revue trimestrielle de l'Éducation Comparée, Paris, v. XXIII, n.3-4, 1993. Disponível em: http://professor.ucg.br/SiteDocente/home/disciplina. asp?key=5146&id=3552. Acesso em: 13 jun. 2022.

LIBÂNEO, J.C. Didática. São Paulo: Cortez, 1994. 263 p.

NASCIMENTO, R.O. Comentários sobre as teorias da mente e a psicologia da educação. APRENDER - Cad. de Filosofia e Psic. da Educação Vitória da Conquista Ano I n. 1 p. 41-48, 2003.

PERRENOUD, P. Práticas pedagógicas, profissão docente e formação perspectivas sociológicas. Lisboa: Nova Enciclopédia, 1993. 201 p.

QUEIROZ, D.C.S.; ROCHA, F.F. Projetos na Educação Infantil. Faculdade Alfredo Nasser. Instituto Superior de Educação. Aparecida de Goiânia, 2010. 52 p.

Disponível em:

http://www.unifan.edu.br/files/pesquisa/PROJETOS%20NA%20EDUCA%-C3%87%C 3%83O%20INFANTIL%20-%20 Dayse%20Cristina.pdf. Acesso em: 12 jun. 2022. ROMANELLI, O.O. História da Educação no Brasil. Petrópolis, Rio de Janeiro Vozes, 2010.

SAVIANI, D. Pedagogia histórico-crítica. 10. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

TORMENA, A.A.; FIGUEIREDO, J.A. Planejamento: a importância do plano de trabalho docente na prática pedagógica. 2010. Disponível em:

http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pd e/2010/2010_fafipa_ped_artigo_ana_aparecida_tormena.pdf. Acesso em: 15 jun. 2022.

TURRA, N.N. Metodologias de pesquisa para o estudo geográfico da sociabilidade juvenil. Raega: O espaço geográfico em análise, Curitiba, v. 23, n. 2177-2738, p.340-375, 2011.

VASCONCELLOS, C.S. Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político pedagógico. 9 ed. São Paulo: Libertad, 2000.

Educação da USP, 1979.